

DOI: <https://doi.org/10.58871/conbrasca24.c31.ed05>

USO DE TELAS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS DE IDADE

SCREEN USE AND CHILD DEVELOPMENT: A STUDY ON CHILDREN FROM 2 TO 4 YEARS OF AGE

EDINEIDA BARBOSA LOIOLA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará¹

ANA KESIA SILVA FAUSTINO

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará¹

ESTHELA SÁ CUNHA

Mestrado em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará¹

JORDANA MOURA DE ALMEIDA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará¹

LUIZA SILVA DE LIMA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará¹

MARIANA SOARES LOURENÇO

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará¹

DARLENE PINHO FERNANDES DE MOURA

Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará¹

RESUMO

Objetivo: Este trabalho possui a finalidade de observar a relação entre o uso de telas e o desenvolvimento infantil de crianças entre dois a quatro anos de idade. **Metodologia:** para tanto, foi realizado um estudo de natureza quantitativa. Contou-se com a participação de 54 respondentes responsáveis por crianças na faixa etária entre dois a quatro anos. **Resultados e Discussão:** Os participantes responderam de forma individual a um questionário socioeconômico, ao Questionário sobre Uso de Telas (QUT) e ao questionário *Survey of Well-being of Young Children (SWYC-BR)*. Os resultados das análises apontam que a maioria das crianças (mais de 87%) ultrapassam o limite recomendado para sua faixa etária. Ademais, 74,1% (n=40) das crianças avaliadas atendiam às expectativas de desenvolvimento esperadas para a faixa etária e apenas 25,9 % apresentavam algum tipo de atraso no desenvolvimento. **Considerações finais:** Espera-se que pesquisas futuras analisem como os impactos causados pelo uso das telas é percebido a longo prazo e como esses dados podem ser amenizados ou compensados. Além disso, aspectos relacionados a questões comportamentais/ emocionais também carecem de mais estudos.

Palavras-chave: uso de telas na infância; desenvolvimento infantil; socialização na infância; comportamento infantil.

ABSTRACT

Objective: Objective: This work aims to observe the relationship between the use of screens and the child development of children between two and four years of age. **Methodology:** for this purpose, a quantitative study was carried out. 54 respondents responsible for children aged between two and four years old participated. **Results and Discussion:** Participants responded individually to a socioeconomic questionnaire, the Screen Use Questionnaire (QUT) and the Survey of Well-being of Young Children (SWYC-BR) questionnaire. The results of the analyzes indicate that the majority of children (more than 87%) exceed the recommended limit for their age group. Furthermore, 74.1% (n=40) of the children assessed met the developmental expectations expected for the age group and only 25.9% had some type of developmental delay. **Final considerations:** Future research is expected to analyze how the impacts caused by the use of screens are perceived in the long term and how these data can be mitigated or compensated. Furthermore, aspects related to behavioral/emotional issues also require further study.

Keywords: use of screens in childhood; child development; socialization in childhood; childish behavior.

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade cada vez mais imersa em novas tecnologias, o contato com aparelhos digitais e telas recreativas inicia-se de modo progressivamente precoce (Li Chao, *et al.*, 2020). Contudo, de acordo com as diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Associação Brasileira de Pediatria, crianças com menos de dois anos de idade não devem possuir qualquer acesso a telas (smartphones, tablets, televisão, vídeo games, entre outros). Além disso, afirma-se que, a partir dessa faixa etária até os cinco anos, o tempo máximo de uso não deve ultrapassar 60 minutos diários e recomenda-se que esse uso seja acompanhado por um responsável. A OMS (2019) também alerta sobre a necessidade de controlar o tempo de exposição a telas ao qual as crianças são submetidas, isso porque o uso de tecnologias se configura como passivo e sedentário, desestimula a prática de exercícios e também reduz a qualidade do sono.

Tal recomendação se deve ao fato de estímulos proporcionados pelo ambiente doméstico nos primeiros anos de vida serem fatores determinantes para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e motoras futuras (Papalia; Feldman, 2000). Um dos importantes marcos do desenvolvimento infantil é a linguagem; a partir do primeiro ano de vida, a capacidade de comunicação começa a ser aperfeiçoada e entre dois a quatro anos de idade existe um enorme salto no vocabulário de uma criança. Nesse sentido, se com dois anos ela possui um vocabulário

de 50 palavras, apenas seis meses depois esse número chega a centenas de palavras; aos três anos ela já distingue singular de plural, e com a chegada dos cinco anos de vida a criança já adquiriu a capacidade de dominar regras básicas da linguagem (Feldman, 2015). Sendo assim, podemos considerar essa fase do desenvolvimento na infância como um possível determinante nas habilidades comunicativas da criança.

Para além das questões relacionadas à linguagem, outros marcos fundamentais do desenvolvimento infantil apontados pela literatura para essa faixa etária são: coordenação motora grossa, coordenação motora fina e a interação social. Possíveis atrasos em um ou mais desses indicadores podem sinalizar algum nível de atraso no desenvolvimento (Oliveira, 2012). Dentre os principais fatores que podem comprometer o desenvolvimento motor e cognitivo na infância destacam-se: prematuridade, desnutrição, distúrbios neurológicos, vulnerabilidade socioeconômica e baixa escolaridade dos pais (Graminha, 1997).

Vale ressaltar que a presença de uma maior plasticidade cerebral nos primeiros meses de vida possibilita enormes ganhos em habilidades motoras e cognitivas. Tais habilidades podem ser melhor adquiridas por meio de estímulos externos (Willrich, *et al*, 2009), sendo assim, um ambiente familiar positivo proporciona uma melhor exploração e interação com o meio, agindo como um facilitador do desenvolvimento. A partir do exposto, pode-se compreender que a presença das telas nos primeiros anos de vida também age como um fator limitador das interações parentais e, conseqüentemente, do desenvolvimento, visto que reduz o nível de interação social da criança.

É importante destacar que a socialização na infância pode ser compreendida como um processo pelo qual a criança desenvolve determinadas habilidades a partir da interação com o meio onde está inserida e assim, torna-se participante da sociedade. Destarte, a participação parental é o ponto de partida para que essa socialização ocorra de forma adequada (Papalia; Feldman, 2000), haja vista que o núcleo familiar se configura como a primeira forma de contato do bebê com o meio social. Dessa forma, a ausência de interações durante a infância ocasionada pelo uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) pode ser considerada um possível fator que acarreta o atraso no desenvolvimento das capacidades sociais, incluindo a fala (Bispo, 2021), justamente por diminuir o tempo socialização e interação com outras crianças e com a própria família (Maziero, 2016).

Em um estudo de caso feito pelo Departamento de Medicina Social e Preventiva da Universidade da Malásia, envolvendo 84 pais de 32 crianças do sexo masculino e 10 do sexo feminino com uma idade de três anos em média, cujo objetivo era analisar a relação entre o tempo de exposição às telas em crianças com e sem atraso na fala, foi possível constatar que as

crianças com o desenvolvimento verbal considerado atrasado possuíam um tempo de acesso a telas muito superior aquele recomendado pela *American Academy Pediatrics* (Kamarudin; Danaee, 2018). Além disso, um estudo transversal realizado em Toronto (Canadá) com crianças de 18 meses demonstrou uma associação significativa entre o uso de dispositivos de mídia móvel e o atraso na fala expressiva em crianças pequenas (Van Den Heuvel, 2019). Outra pesquisa realizada com 51 pais apontou uma relação significativa entre o excesso de telas e o atraso na fala, onde 5,9% dos participantes afirmaram que seus filhos já haviam recebido diagnóstico de atraso na fala e estes mesmos pais afirmaram que seus filhos eram expostos entre duas a três horas às mídias digitais. Em contrapartida, as crianças que não possuíam acesso a telas (cerca de 11%) obtiveram escores positivos na pesquisa ao apresentarem um vocabulário de fonemas ideal para sua idade, além de comunicarem-se bem com seus familiares (Williams *et al*, 2021). A partir de tais constatações, é imperioso destacar que o uso precoce e imoderado das telas pode provocar os mais diversos prejuízos cognitivos, motores e socioemocionais durante a infância.

Frente a esta problemática, o presente estudo tem o objetivo de verificar a relação entre uso de telas e desenvolvimento infantil em crianças de dois a quatro anos de idade, a partir da perspectiva dos responsáveis. Especificamente, pretende-se verificar como ocorre o uso de telas por crianças (tempo de exposição, controle dos pais, uso de telas como entretenimento, etc.) e observar os indicadores de marcos de desenvolvimento, bem como explorar a possível relação entre uso de telas e desenvolvimento infantil na amostra pesquisada.

2 METODOLOGIA

2.1 Delineamento

Trata-se de um estudo exploratório e quantitativo com delineamento do tipo descritivo e correlacional, de natureza *ex post facto*.

2.2 Participantes

Contou-se com uma amostra de conveniência, composta por 54 responsáveis (pais, mães e outros cuidadores) por crianças entre dois a quatro anos de idade. A idade dos respondentes variou entre 18 a 37 anos, com uma média de 28 anos, 64,8% eram mães e a maioria dos respondentes afirmou morar na mesma casa com a criança (90,7%). Os questionários foram respondidos sobre crianças da faixa etária de 2 a 4 anos, a maioria eram meninas (51,9%) e sem

diagnóstico de doença ou transtorno (92,6%); 63 % tinha 4 anos, 25,9% tinha 3 anos e 11,1% tinha 2 anos.

2.3 Instrumentos

Os participantes responderam ao seguintes instrumentos:

a) *Survey of Well-being of Young Children (SWYC-BR)* (Alves *et al*, 2019): instrumento adaptado para a língua portuguesa pela Prof^a Dr^a Rafaela Silva Moreira e sua equipe. O questionário tem como finalidade avaliar alterações do desenvolvimento e do comportamento em crianças com menos de 65 meses de idade. É composto por 50 itens estruturados em sentenças simples que avaliam: marcos de desenvolvimento, sintomas pediátricos, observações dos pais sobre a interação social, preocupações dos pais, e perguntas sobre a relação familiar. Neste estudo, os cadernos disponibilizados para serem respondidos foram: Caderno de Aplicação de 24, 30, 36 e 48 meses. Cada um composto por 10 perguntas referentes apenas aos marcos de desenvolvimento. Os estudos psicométricos realizados sobre a medida apontam que o instrumento é consistente, unidimensional e com itens cujas cargas fatoriais são satisfatórias (Moreira, 2019).

b) Questionário sobre Uso de Telas (QUT): elaborado pela própria pesquisadora e aplicado aos pais/responsáveis, o instrumento consta de 8 questões acerca de como ocorre o uso de telas como entretenimento para crianças, bem como se dá a preocupação e o controle dos pais diante da exposição às telas em crianças (ex.: “com que frequência a criança apresenta mau comportamento ao ser retirada das telas”). As alternativas disponíveis para marcar eram “Nunca”, “Quase nunca”, “Às vezes”, “Quase sempre” e “Sempre”. No mais, é importante citar que o alfa de Cronbach deste instrumento na amostra do estudo foi 0,78.

c) Foram realizadas perguntas sociodemográficas para a caracterização da amostra, bem como perguntas referentes à quantidade e ao tipo de exposição a telas pelo qual a criança é sujeita (ex.: “quantas horas por dia seu filho assiste ou joga em aparelhos eletrônicos?”).

2.4 Procedimentos

A pesquisa foi realizada de forma virtual por meio de um formulário criado na plataforma *Google Forms* e divulgado por meio das redes sociais. Na descrição, foram apresentados os objetivos da pesquisa, o termo de consentimento livre e esclarecido, e foi garantido aos participantes o caráter confidencial de suas respostas. Além disso, conforme aponta a resolução 466/12 e a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, a efetivação

desta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Ceará sob o número de parecer 6.256.467.

2.5 Análise dos dados

Efetou-se estatísticas descritivas (medidas de dispersão, tendência central e frequência) para caracterização da amostra e também para descrever os aspectos relacionados ao uso de telas e desenvolvimento infantil. Posteriormente, foi realizada uma análise de correlação de Spearman a fim de verificar a relação entre as variáveis. Os dados foram analisados pelo IBM SPSS versão 21.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

a) Uso de telas por crianças

Os resultados apontaram que 87,3% (n=45) das crianças ficam pelo menos uma hora por dia diante das telas, apenas 16,7% (n=9) fica menos de uma hora ou não faz uso de telas. Os aparelhos eletrônicos mais utilizados são televisão (53,7%; n=29) e celular (40,7%; n=22) e em 92,6% (n=50) dos casos há um adulto por perto supervisionando. Já os pais, 92,6% (n=50) passam pelo menos uma hora diante das telas e 7,4% (n=4) não faz uso de telas ou ficam uma quantidade de tempo inferior a uma hora diária.

A partir disso, foi possível observar o quanto o comportamento dos pais em relação ao uso de telas exerce grande influência na relação dos filhos com os aparelhos eletrônicos, visto que a quantidade de horas que os pais passam diante das telas é diretamente proporcional à quantidade de horas que seus filhos fazem uso delas. É característico das crianças a aprendizagem por meio da observação e imitação de seus modelos (Guerra, 2023), frente a isso, é razoável afirmar que esse processo de imitação também estende-se em relação ao uso de aparelhos eletrônicos.

Outra questão que merece ser apontada é o limite de horas estabelecido pelos responsáveis em relação ao uso de telas, pois ao observarmos os dados coletados, é possível perceber que as orientações da OMS anteriormente citadas não são seguidas, tendo em conta que a maioria das crianças (mais de 87%) ultrapassam o limite recomendado para sua faixa etária. Um aspecto positivo a ser pontuado é o fato de mais de 92% dos responsáveis analisados nesta pesquisa realizarem algum tipo de supervisão, já que, de acordo com a SPB (2019) um acompanhamento por parte dos adultos com quem as crianças convivem é fundamental para

minorar os possíveis danos ocasionados pelo mau uso das telas, e até mesmo tornar esse uso benéfico de alguma forma, por meio de um controle adequado de tempo de exposição e uma seleção do conteúdo consumido. Segundo Faria, Costa e Neto (2018), os meios digitais podem gerar impactos positivos para o desenvolvimento infantil, desde que haja a supervisão de um adulto.

Ademais, também se observou que a maioria das crianças às vezes (48,1%, n=26), quase sempre (20,4%, n=11) ou sempre (5,6 %, n=3) apresenta mau comportamento (birra, choro) ao ser retirada das telas; e a maioria, às vezes (37%; n=20), quase sempre (20,4%, n=11) ou sempre (18,5%, n=10) se mostra distraída quando está diante das telas e é chamada pelo nome. A exposição constante ao excesso de informações e de estímulos visuais/sonoros, consequentes do acesso livre e não supervisionado, aliados à inabilidade de regulação emocional desencadeia ansiedade e agitação nas crianças ao perderem o acesso às telas (Fiocruz, 2020), as birras então, surgem como um comportamento ocasionado pela frustração e angústia de perder o acesso aos estímulos prazerosos proporcionados pelos aparelhos eletrônicos.

Um estudo realizado em Brasília-DF com 161 pais demonstrou que quando os responsáveis negam o acesso às telas ou tentam reduzir o tempo de uso, os filhos utilizam a birra como uma forma de tentar continuar com o celular, tablet ou televisão (Dos Santos, 2021). Nessa direção, as birras são consideradas como uma parte normal do desenvolvimento infantil e podem ser definidas como acessos de raiva em resposta à frustração, manifestando-se por meio de gritos, choro e comportamentos agressivos (Gouveia, 2009). Elas configuram-se como uma forma de comunicação do infante frente à sua incapacidade de nomear suas emoções e regulá-las (Gouveia, 2009). Além disso, as telas são responsáveis pela liberação de altas doses de dopamina e quando seu acesso é limitado ou proibido, a frustração leva a criança a emitir comportamentos agressivos e impulsivos (Desmurget, 2021).

Também, observou-se que a maioria das crianças nunca (16,7%, n=9), quase nunca (18,5%, n=10) ou às vezes (38,9%, n=21) faz uso de telas durante a refeição; e a maioria dos pais nunca (46,3%, n=25) ou quase nunca (22,4%, n=12) recorre ao uso de telas quando a criança convida para brincar. Não é nenhuma novidade afirmar que no cenário hodierno, as telas são usadas como principal fonte de entretenimento, tanto por adultos quanto por crianças. Uma pesquisa realizada com uma amostra de 32 pais/responsáveis de crianças com idade entre 3 a 5 anos de idade do município de Porto Velho- RO, mostrou que 75% das crianças observadas utilizam as mídias digitais para fins de entretenimento enquanto 25% as utilizam com fins educativos (Ferreira, *et al* 2024). Tendo isso em vista, as brincadeiras convencionais, que são

importantes para o desenvolvimento neuropsicomotor (Ferreira *et al.*, 2024), são substituídas por jogos eletrônicos, vídeos, redes sociais, o que ocasiona limitações nas interações sociais.

Estudos também apontam que o uso de telas durante as refeições é associado a comportamentos de seletividade alimentar além de agitação/excitação ao comer (Delahunt, 2022). Outrossim, o tempo excessivo diante de distratores (smartphones, televisão, tablet) está relacionado ao aumento de hábitos alimentares não saudáveis. Em um estudo realizado na Grécia com 177.091 crianças e adolescentes de 8 a 17 anos, que tinha como objetivo analisar as associações entre tempo recreativo de tela e hábitos alimentares, evidenciou que quanto maior o tempo de exposição às telas, menores são as chances de uma alimentação saudável (Tambalis *et al.*, 2020).

O brincar, por sua vez, relaciona-se diretamente com a aprendizagem, auxilia na resolução de conflitos, colabora para que a criança desenvolva sua relação com o mundo e estimula a criatividade, pois proporciona situações imaginárias que estimulam o desenvolvimento cognitivo (Pedroza, 2005). Atualmente, as telas fazem parte de um novo jeito de brincar diferente do modo convencional (ao ar livre, com outras crianças, com brinquedos), entretanto, a interação entre ambas as dimensões pode ocorrer de forma simultânea e não necessariamente excludente (Albuquerque, 2023). Cabe aos responsáveis, portanto, estarem atentos à quantidade de exposição de seus filhos aos aparelhos eletrônicos, proporcionando um uso consciente baseado na quantidade de horas recomendadas para cada faixa etária específica.

a) Marcos de desenvolvimento

Considerando os pontos de cortes do SWYC- BR, observou-se que 74,1% (n=40) das crianças avaliadas atendiam as expectativas de desenvolvimento esperadas para a faixa etária e apenas 25,9 % (n=14) apresentavam suspeita de atraso do desenvolvimento. É esperado que crianças entre dois a quatro anos, que apresentem um desenvolvimento normal, sejam capazes de explorar o ambiente, dar seus primeiros passos, falar suas primeiras sentenças e consequentemente expandir o seu vocabulário, deixem de balbuciar, passem a querer conversar e apresentem um surto de compreensão (Papalia; Feldman, 2000). Na amostra coletada, que não se configura como amostra clínica, a maioria das crianças (92,6%) não possui um diagnóstico de nenhum tipo de transtorno, portanto, seu desenvolvimento está dentro do esperado para a faixa etária. Além disso, existem muitos aspectos sociais, comportamentais e emocionais que não foram contemplados nos questionários utilizados, o que pode ter interferido no resultado observado, como o relacionamento com os pais, o estilo parental adotado, se os

pais leem para os filhos, a capacidade de socialização da criança e o nível de contato com outras crianças.

c) Uso de telas e desenvolvimento infantil

Por fim, com o intuito de verificar a relação entre o desenvolvimento infantil (medido pelo questionário de Marcos de Desenvolvimento do SWYC- BR) e o uso problemático de telas (medido pelo QUT), foi realizada uma análise de correlação de *Spearman*. Os resultados apontaram que o uso problemático de telas se relacionou negativamente com os marcos desenvolvimento infantil (ou seja, quanto mais problemático o uso de telas menores as pontuações satisfatórias em marcos de desenvolvimento), porém essa correlação não foi significativa ($r = -0,133$; $p = 0,34$).

Embora os resultados sinalizem o que a literatura afirma acerca de piores resultados em testes de triagem de desenvolvimento infantil estarem diretamente relacionados com o uso excessivo de telas (Madigan *et al.*, 2019), e desse uso estar associado a atrasos significativos em marcos de desenvolvimento (Heuvel *et al.*, 2019), é importante destacar que tais resultados não foram significativos. Contudo, é possível que isso seja justificado pelo tamanho da amostra ou também pela qualidade das respostas dos pais aos instrumentos, que podem ter sido influenciadas pela deseabilidade social, por exemplo; tendo em vista que, responder questões associadas ao desenvolvimento dos próprios filhos possa gerar um certo nível de desconforto devido a um medo de julgamento, ainda que a pesquisa mantenha a identidade em sigilo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Será de grande valia que estudos futuros analisem a relação entre comportamento infantil e o uso de telas na infância e quais são os impactos deste uso no comportamento das crianças e em seus vínculos afetivos. Outro ponto a ser avaliado é como esses impactos reverberam a longo prazo e quais estratégias podem ser aplicadas para lidar com seus efeitos. Cabe também o questionamento: “como as telas podem contribuir para o desenvolvimento infantil?”, com o intuito de descobrir os possíveis efeitos positivos que o uso de tecnologias pode trazer para a vida das famílias e formas de introduzir as telas na rotina de uma forma benéfica.

Além disso, a perspectiva dos responsáveis também pode vir a ser um importante foco de estudo: quais as maiores dificuldades dos pais em controlar o tempo de tela? Quais as suas motivações ao entregarem um smartphone/tablet ao seu filho (dificuldade em lidar com as

birras, poder descansar, focar no trabalho, ou uma dificuldade em encontrar formas alternativas de entretenimento)? Futuras intervenções também podem focar na elaboração de alternativas viáveis de substituir os meios digitais na rotina (brincadeiras/jogos de fácil elaboração e execução) ou até de utilizá-los como aliados na educação e desenvolvimento infantil, por meio de desenhos animados educativos ou jogos que estimulem o raciocínio lógico.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Luciana Santos Guilhon; PERRY, Cassia Patricia Barroso; ANDRADE, Marina Teixeira; SANCOVSCHI, Beatriz; NASCIUTTI, Laura Freire; MARTINS, Thalita Cristina Ferreira. **Brincar nas, com e apesar das telas**. Estilos da Clínica São Paulo, Brasil, v. 28, n. 1, p. 13–29, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/196933>.. Acesso em: 10 mai. 2024.

ALVES, Claudia Regina Lindgren; GUIMARÃES, Marina Aguiar Pires; MOREIRA, Rafaela Silva. Survey of Well-being of Young Children (SWYC-BR): **manual de aplicação e interpretação**. Revista Brasileira de Avaliação. Minas Gerais, 2022. Disponível em: <http://www.rbaval.periodikos.com.br/article/doi/10.4322/rbaval202211014>. Acesso em: 12 de fev. 2022.

BISPO, Leticia Rodrigues Alves; ALPES, Matheus Franco; MANDRÁ, Patrícia Pupin. Validação de conteúdo de instrumento para verificar o tempo de uso de tela na infância. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 17, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24357>. Acesso em: 10 jan. 2024.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais**: Por que, pela primeira vez, filhos têm QI inferior ao dos pais. Vestígio Editora, 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em: 10 mar. 2024.

DOS SANTOS, Aline Diniz; DA SILVA, Júlia Kamers. O impacto do isolamento social no desenvolvimento cognitivo e comportamental infantil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18218>. Acesso em: 10 mai. 2024.

FARIA, H. de C.; COSTA, I.P; NETO. Hábitos de Utilização das Novas Tecnologias em Crianças e Jovens. **Gazeta Médica**, v. 5, p. 270 –276, 2018. Disponível em: <https://gazetamedica.pt/index.php/gazeta/article/view/214>. Acesso em: 11 jan. 2023.

FELDMAN, Robert S. **Introdução à psicologia**. AMGH Editora, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em: 9 jul. 2022.

FERREIRA, Jessica Tavares; LIMA, Laryssa Cristina Sales; COSTA, Cintia Campos. As influências das tecnologias digitais no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças de 3 a 5 anos. **Reunião Científica**, n. XV, 2024. Disponível:

<https://periodicos.saolucas.edu.br/index.php/reuniao/article/view/2588> . Acesso em: 15 jan. 2024.

GOUVEIA, R. As birras na criança. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 25, n. 6, p. 702–5, 2009. Disponível em:

<https://rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10697> . Acesso em: 10 mai. 2024.

GRAMINHA, Sônia Santa Vitaliano; MARTINS, Maria Angélica de Oliveira. **Condições adversas na vida de crianças com atraso no desenvolvimento**. Medicina (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, Brasil, v. 30, n. 2, p. 259–267, 1997. DOI: 10.11606/issn.2176-7262.v30i2p259-267. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/882..> Acesso em: 5 jan. 2024.

GUERRA, Mônica Elisabeth Simons et al. **Recomendações do Departamento de foniatria da ABORL-CCF sobre o uso de telas na infância e adolescência**, 2023. Disponível em:

<https://aborlccf.org.br/wp-content/uploads/2023> . Acesso em: 2 abr. 2024.

KAMARUDIN, Siti Sabrina; DANNAEE, Mahmoud. Media screen time and speech delay: comparison study in children with and without speech delay. **International studies**, v. 3, n. 4, p. 5, 2018. Disponível em:

https://in.eregnow.com/cdn/ucontent/ticketing/2436/file_596814037_429 . Acesso em: 5 mai. 2022.

LI, CHAO et al. The relationships between screen use and health indicators among infants, toddlers, and preschoolers: A meta-analysis and systematic review. **International journal of environmental research and public health**, v. 17, n. 19, p. 7324, 2020. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7579161/> . Acesso em: 8 jun. 2022.

MADIGAN, Sheri et al. Association between screen time and children’s performance on a developmental screening test. **JAMA pediatrics**, v. 173, n. 3, p. 244-250, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30688984/> . Acesso em: 23 ago. 2023.

MAZIERO, L. L.; RIBEIRO, D. F.; REIS, H. M. DESENVOLVIMENTO INFANTIL E TECNOLOGIA. **Revista Interface Tecnológica**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 79–91, 2016.

Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/127> . Acesso em: 10 maio. 2024.

MENDONÇA FILHO, Euclides José de. **Evidências de validade relacionadas à estrutura interna da escala cognitiva do inventário dimensional de avaliação do desenvolvimento infantil**, Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/186086>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MOREIRA, Rafaela Silva et al. . Adaptação Transcultural do instrumento de vigilância do desenvolvimento infantil "Survey of Wellbeing of Young Children (SWYC)" no contexto brasileiro. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo , v. 29, n. 1, p. 28-38, abr. 2019 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo> . Acesso em: 10 mai 2023.

OLIVEIRA, Luddi Luiz de et al. Desenvolvimento infantil: concordância entre a caderneta de saúde da criança e o manual para vigilância do desenvolvimento infantil. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 30, p. 479-485, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/XpsLY8j4YFbzR8qGBBQvcdv/> . Acesso em: 20 ago. 2023.

OLIVEIRA WILLIAMS, E. M.; PEIXOTO, A. R.; MOZZER DENUCCI, M. A.; CABRAL RODRIGUES, I. A. L.; MOREIRA, L. B. Mídias digitais e atraso de fala: uma nova visão acerca da era digital / Digital media and speech retardation: a new vision about the digital age. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 73835–73850, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/33397> . Acesso em: 5 mai. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE et al. **Orientações sobre atividade física, comportamento sedentário e sono para crianças menores de 5 anos** . Organização Mundial da Saúde, 2019. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/311664/9786500208764> . Acesso em: 5 fev. 2022.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/68881204/Desenvolvimento_Humano . Acesso em: 12 jan. 2022.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**, v. 17, p. 61-76, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/p45NBHK6Stp3MYnp7BsJ3qp/> . Acesso em 21 fev. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de orientação: menos telas, mais saúde**. Grupo de trabalho saúde na era digital, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22246c . Acesso em: 11 jan. 2022.

VAN DEN HEUVEL, Meta et al. Mobile media device use is associated with expressive language delay in 18-month-old children. **Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics**, v. 40, n. 2, p. 99, 2019. Disponível em: <https://journals.lww.com/jrnldb/FullText/2019/02000/> . Acesso em: 4 fev. 2023

WILLRICH, Aline; AZEVEDO, Camila Cavalcanti Fatturi de; FERNANDES, Juliana Oppitz. Desenvolvimento motor na infância: influência dos fatores de risco e programas de intervenção. **Revista Neurociências**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 51–56, 2009.